

12498 - Agroecologia e resistência – a experiência caiçara na Praia Grande da Cajaíba, Paraty – RJ

Agrecology and resistance – the “caiçara” experience of Praia Grande da Cajaíba, Paraty - RJ

ANGELO, Lara¹; BROWNE, Thales²; MAYA, Tadzia³; PEREIRA, Marcos Vinicius⁴; SANTOS, Raiza⁵; SATO, Karen⁶.

1 UFRJ, lara.angelo@yahoo.com.br; 2 UFRJ, thales.browne@gmail.com; 3 UFRRJ, tadziamaya@gmail.com; 4 UFRJ, vini.martinspereira@gmail.com; 5 UFRJ, raizamr@gmail.com; 6 UFRRJ sasadasato@msn.com.

Resumo:

A Praia Grande da Cajaíba, uma das localidades caiçaras da Península da Juatinga (Paraty - RJ), possui um dos casos emblemáticos de conflitos fundiários existentes na região. Sua comunidade era composta por cerca de sessenta famílias, mas atualmente apenas duas residem ali, resistindo ao processo de grilagem de terras e ao deslocamento para a cidade de Paraty. O Projeto de Extensão Raízes e Frutos atua no sentido de valorizar a cultura caiçara alindo-a à agroecologia com o intuito de contribuir para a permanência dessas comunidades em seu território e para a gestão participativa do mesmo, já que insere-se na Reserva Ecológica da Juatinga. A produção local de mudas, por exemplo, faz parte de uma das ações de rede articulada para oferecer subsídios a resistência dessas famílias. A articulação com experiências similares de luta pela terra torna-se importante para o intercâmbio de conhecimentos, saberes e práticas e para estabelecer parcerias com o movimento político agroecológico.

Palavras-Chave: Cultura Tradicional; Território; Conflitos; Agrofloresta;

Introdução

O Projeto de Extensão Universitária Raízes e Frutos realiza uma vivência desde 2007 na Reserva Ecológica da Juatinga, Paraty – RJ. Neste local vive uma população tradicional caiçara, um dos responsáveis pela conservação desse importante fragmento de Mata Atlântica, localizado em meio às duas maiores metrópoles nacionais: São Paulo e Rio de Janeiro. A partir da intensificação da urbanização nessa região e dos seus processos inerentes, sobretudo no município de Paraty, as comunidades caiçaras passaram a coexistir neste território com diferentes agentes, situações que, em parte, contribuíram para o enfraquecimento de sua cultura. Dentre tais agentes, podemos citar os chamados “grileiros” de terras, especuladores imobiliários, órgãos de conservação ambiental e, ainda, o próprio crescimento do turismo. Devemos ressaltar que, em geral, esses agentes não atuam de maneira isolada. Assim, ainda que guardem seus interesses próprios, se relacionam entre si, podendo confundir-se.

A comunidade da Praia Grande da Cajaíba, Paraty, estado do Rio de Janeiro, sofreu um processo de grilagem de terras intenso durante as duas últimas décadas, fazendo com que a praia que tinha em torno de sessenta famílias caiçaras, tenha atualmente apenas duas. O pai de uma dessas famílias relata sofrer até hoje fortes

pressões por parte do “grileiro” da região e restrições do uso do solo pela ação de órgãos de meio ambiente. Assim, a agricultura foi uma das atividades prejudicadas pelas ações restritivas dos órgãos gestores. O caiçara Altamiro que praticava a agricultura de coivara, ou seja, colocava fogo no mato (capoeira) antes do plantio, teve tal prática proibida.

Diante desse contexto de conflitos e situação de risco social e ecológico envolvendo essa comunidade tradicional, através de uma visita de estudantes universitários que posteriormente viriam formar o referido projeto de extensão, foi realizada a construção de um viveiro de mudas nativas, atividade que deu início a realização de um diálogo entre o saber acadêmico e o saber tradicional. Com os mutirões e visitas aos agricultores familiares de Paraty, Altamiro busca desenvolver uma agrofloresta que se revela como importante prática para legitimar seu território e garantir seu direito à posse da terra. Isso mostra que ele é um agente colaborador do ecossistema local, uma vez que não mais coloca fogo na terra, produz e planta mudas de árvores nativas, contribuindo para o reflorestamento de algumas áreas. Além disso, ele agora produz alimentos de maneira diversificada, garantindo também sua subsistência. Desse modo, podemos dizer que o caiçara abraçou a idéia do manejo agroflorestal, o que pode ser observado na sua área de plantio e no seu discurso, afirmando que das árvores que precisa ele “tira uma e planta dez”.

Descrição da experiência

O viveiro de mudas foi iniciado após uma pesquisa de campo relacionada à monografia “A História Ecológica dos Caiçaras da Península da Juatinga” do IFCS/UFRJ, realizada em 2005/2006, onde foi notada a existência de um pequeno viveiro florestal criado por Seu Altamiro. O foco desse trabalho era de como pesquisas acadêmicas podem fortalecer processos comunitários para além da produção de conhecimento *strictu-sensu*. Esse caiçara, considerado réu no processo de grilagem, era então assessorado pela ONG Verde Cidadania, que financiou em 2006 a I Oficina de Agroecologia e suas Raízes Tradicionais da Praia Grande da Cajaíba, da qual participaram moradores, estudantes de Geografia, História, Ciências Sociais, Jornalismo e Produção Cultural, colaboradores da ONG e um viveirista profissional. Resultado dessa oficina, um viveiro foi construído e mais de uma centena de mudas de espécies nativas foram plantadas nas matas ciliares e áreas de regeneração. Em 2007, uma empresa particular iniciou um financiamento para ampliação do viveiro e também para formação continuada dos moradores.

A construção do viveiro de mudas na Praia Grande da Cajaíba também marca o início do trabalho do Projeto Raízes e Frutos na Reserva Ecológica da Juatinga. Cabe afirmar que essa construção desencadeou outros processos, os quais de referem à valorização dessa família e o fortalecimento de suas raízes no local. As mudas produzidas a partir de então foram utilizadas em sistemas agroflorestais iniciados por Seu Altamiro e seus filhos. Eles fizeram uma visita ao sítio do agricultor Zé Ferreira, em Paraty, onde a forma de constituição e manejo desses agroecossistemas foi aperfeiçoada, por exemplo, com a inclusão de espécie repelente de formigas (*Tefrosia candida*) e consórcios consolidados entre gêneros alimentares e florestais.

A incorporação de práticas agroecológicas por Seu Altamiro teve, sobretudo, uma dimensão política. A Reserva Ecológica da Juatinga, criada em 30 de outubro de 1992 pelo decreto 17.981, apresenta como justificativa a necessidade de preservação do ecossistema local e declara ainda ser uma área *non aedificandi*, isto é, área em que não se pode construir. Ainda que o decreto de criação da reserva coloque a necessidade de preservação também da cultura caiçara, o mesmo não deixou de gerar restrições por parte de órgãos ambientais no modo de reprodução da cultura caiçara, a qual coexiste há gerações com o ecossistema local.

O conflito pela terra constitui um fator crítico em toda a Reserva Ecológica da Juatinga, especialmente na Praia Grande da Cajaíba. Ações de restituição de posse são feitas pela família Tannus, alegando a assinatura de contratos de comodato. Nesses contratos, ficava estabelecido que a propriedade da terra pertence à família Tannus e os caiçaras estariam aptos a morar na propriedade por tempo indeterminado. No entanto, é “mais que sabido que bem antes da presença do Sr. Gibrail Tannus na região, os caiçaras já ocupavam aquelas terras.” (JÚNIOR, p. 38. 2005).

A agroecologia, na sua capacidade de articular saberes, constitui em ação econômica, cultural, ambiental, social e política. O manejo agroflorestal é um sistema agrícola que permite que a cultura e o modo de vida caiçara perpetuem-se na contemporaneidade, pois converge com sua afinidade com a mata, sendo uma alternativa ao manejo tradicional caiçara e também uma alternativa à erosão de sua cultura, à rendição ao consumismo desempoderador e à desistência do seu território. A idéia de que a intervenção humana é sempre negativa e de que a natureza deve permanecer intocada perpetua o ideal de guerra e conflito. A agroecologia é baseada na ética do convívio harmônico entre o homem e a natureza, e o caso da Praia Grande é um exemplo de como o diálogo de saberes pode conciliar homem e natureza. Hoje, defendemos a idéia de “reserva de uso sustentável”, pois essa foi a relação que o caiçara sempre manteve com a natureza.

Resultados

Desde o início da sua construção, o viveiro passou a ter capacidade para produção de mil mudas anuais e conta com a assessoria de um engenheiro florestal. Os moradores, através de oficinas, cursos e visitas a outros agricultores vêm aprimorando seus conhecimentos e plantando espécies nativas para a conservação e recuperação do ecossistema local.

Atualmente, o Projeto Raízes e Frutos visita esporadicamente o agricultor, e contribui de acordo com as visitas que faz ao local. Seu Altamiro pode ser considerado um agente central que compõe essa experiência agroecológica em estágio avançado e exemplo de resistência na Praia Grande da Cajaíba.

Esperamos realizar outras atividades acerca dessa experiência, buscando articular saberes e conhecimentos através da relação entre agentes caiçaras, pesquisadores, universitários, agricultores familiares e organizações afins. Portanto, podemos mencionar a realização, ainda em 2011, de algumas atividades, dentre as quais a realização de vivências e mutirões na Praia Grande da Cajaíba e a produção de uma monografia.

Bibliografia Citada

JÚNIOR, Manoel Vieira Gomes. O Dom da Terra e o Lugar do Caiçara na Praia Grande da Cajaíba / Reserva Ecológica da Juatinga – RJ. Rio de Janeiro. RJ. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. 2005.

Lei Decreto Estadual nº 17.981/92 - Cria a Reserva Ecológica da Juatinga.

MAYA, Tadzia. A praia que era grande. Revista Zé Pereira. Vol. 4, Nº1, P. 18-21. São Paulo: Zé Pereira, 2008.